

Cón. Emanuel Matos Silva

Sentido e espiritualidade da Peregrinação

Em tempo de Jubileu diocesano (475 anos da Diocese de Portalegre) e às portas do Jubileu universal “Peregrinos na Esperança” (ano 2025, o primeiro do séc XXI), a Igreja sente-se peregrina e prepara-se para peregrinar. A peregrinação foi sempre um momento significativo na vida dos crentes. É um momento e é a vida inteira. É uma oração caminhada e um caminho rezado. Pés a caminho, metas físicas como pedagogia das metas espirituais da conversão, fazem da peregrinação um momento único de crescimento na comunhão com Deus e com a Igreja. Quando peregrinamos queremos chegar a um objectivo (Porta Santa, Santuário, Igreja jubilar, etc), mas também queremos viver uma maior identificação cristã na santidade de vida. Quem peregrina não faz apenas um conjunto de quilómetros; é chamado sim a fazer uma mudança de vida. Caminha-se desafiado por esse ideal que tem a força suficiente para nos mover de “onde estamos” até às atitudes e comportamentos que nos “identificam com as experiências e os locais” a onde queremos chegar. Por isso o caminho com os pés é uma parábola do caminho interior com a vida e as atitudes que se adoptam.

Existem, nesse sentido, várias

dimensões, que a Igreja reconhece e vive em qualquer peregrinação:

A dimensão teologal ou da fé: A peregrinação é uma parábola da nossa caminhada para a identificação com o Reino de Deus revelado em Jesus Cristo. O cristão é, por excelência, homem a caminho, alguém que se movimenta: entre a obscuridade e a luz, entre o exílio e a libertação, entre o sofrimento e a alegria. O êxodo do Povo de Deus mostra isso mesmo: a vida faz-se sempre de saídas (de certas e determinadas prisões) – caminhadas (por desertos, momentos de luz e de tristeza) – entradas (na Terra da Promessa, na felicidade) que são novas partidas.

A Dimensão penitencial ou da gradualidade do caminho: A peregrinação configura-se como um caminho de conversão. A caminhar faz-se melhor a consciencialização da necessidade da conversão, dos caminhos do arrependimento. No jejum, na oração e na penitência, o peregrino esforça-se por uma maior vivência da sua vocação cristã à santidade.

A Dimensão festiva: Em cada peregrinação a dimensão penitencial coexiste com a dimensão festiva. É a alegria do encontro da paz interior, da serenidade, mas, sobretudo, a profunda alegria do encontro da Casa do Senhor, essa experiência de acolhimento em

Deus e de fé que dá sentido e sabor à vida.

A Dimensão orante e cultual: A peregrinação é, essencialmente, um acto de oração, de celebração do encontro com Deus. No local rumo ao qual se peregrinou, o peregrino cumpre os votos, pede perdão, reza em acção de graças ou em louvor, suplica graças.

A Dimensão apostólica ou da missão: A Peregrinação é uma experiência que não se consegue calar. Peregrinar, rezar, mudar, converter. A memória do que Deus concedeu transforma-se na ousadia de uma vida nova concretizada em valores novos. O que se vive anuncia-se.

A Dimensão eclesial ou da comunhão: Qualquer peregrinação é uma experiência de comunhão. É comunhão com todos os que caminham, mesmo que não o façam connosco, no mesmo trajecto, ao mesmo tempo, ou com o mesmo passo. É comunhão com todos os inquietos da vida, com todos os que procuram sentido mais pleno para as suas existências diárias, com todos os que percebem Deus e o seu Reino como o grande desafio que é possível concretizar e fazer realidade. Quando caminhamos em conjunto, o caminho ganha outro sentido e torna-se mais leve a dificuldade de caminhar.

BREVEMENTE:

15 de setembro de 2024
21 de setembro de 2024
22 de setembro de 2024
29 de setembro de 2024
06 de outubro de 2024
20 de outubro de 2024

Peregrinação à Porta Santa do Arciprestado de Portalegre
Assembleia Diocesana da Mensagem de Fátima - Castelo Branco
Peregrinação à Porta Santa do Arciprestado de Castelo Branco
Peregrinação à Porta Santa do Arciprestado de Sertã
Peregrinação à Porta Santa do Arciprestado de Ponte de Sor
Peregrinação à Porta Santa do Arciprestado de Abrantes



PALAVRA COM VIDA

DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM

“Abre-te” (Effathá)

Nada do que é humano é estranho a Deus. E, por isso, a história humana é também o lugar da história da salvação. Nesta história de encontro e relação onde cada um (Deus e Humanidade) dá o que lhe é próprio e recebe o dom do outro, nem Deus fica diminuído, nem o homem perde a sua condição. De facto, não podemos controlar o mar, mas podemos navegá-lo; não podemos controlar o vento, mas podemos aproveitá-lo para progredir na direcção desejada. E é por isso que vale muito mais experimentar que Deus nos ama do que apenas saber que Ele existe.

A liturgia deste Domingo XXIII do TC (B) leva-nos, precisamente, ao encontro da experiência de Deus na vida quotidiana mediatizada em tantos e tantas circunstâncias da vida da humanidade. O Profeta Isaías incita o Povo de Deus à coragem e à alegria face ao regresso do exílio; Tiago estranha e confronta a comunidade crente com a sua atitude de discriminação entre pobres e ricos; Jesus, em plena terra pagã, cura um surdo mudo. E, embora situados num tempo, nem Isaías, nem Tiago, nem o próprio Jesus estão condicionados por uma cronologia encerrada. Aquele tempo são todos os tempos, aquelas atitudes acontecem em todos os tempos.

Aquele doente que trazem a Jesus é surdo mudo, não ouve e “falava com dificuldade”. Para além do encontro de Jesus com tantos doentes, o relato evangélico é pedagógico e catequético. Imaginamos o sofrimento da incapacidade de comunicar e do

alheamento da realidade daquele surdo mudo. Mas confrontamo-nos com tantos surdos mudos cuja verdadeira realidade é a do “autismo espiritual ou existencial”, que vivem fechados no seu mundo, construído à sua medida e onde são, eles mesmos, o único brilho dos seus olhos.

Jesus diz-Se intensamente pelo seu agir. Tocar é deixar-se tocar. E Jesus tocou aquele surdo mundo, mostrou-lhe que Se fazia companheiro da sua humanidade, que o aceitava como era mas que o convidava à conversão. Não houve espectáculo, houve dom da interioridade quando Jesus soprou e tocou. O mistério de Cristo é a presença de Deus. Talvez por isso, mais do que aos ouvidos daquele homem, a palavra de Jesus “Abre-te” (Effathá) seja dirigida sim ao seu coração.

O “Abre-te” (Effathá) de Jesus não está circunscrito aos ouvidos ou boca daquele homem, dirige-se à pessoa toda e atravessa os tempos até à nossa vida de hoje como ressonância de conversão. Tanta surdez a precisar ser vencida. Tanta incapacidade de falar a necessitar ser ultrapassada. Se surdos à Palavra de Deus revelada em Jesus Cristo, que havemos de dizer e proclamar como Boa Nova!? Falarmos apenas de nós mesmos!?

Não escutando a Palavra de Deus, não acompanhando o gesto de Cristo, não aprendemos a escutar com paciência e compaixão, a cuidar e a acompanhar. É que a humanidade é o caminho de Deus.

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Em Portugal há três Províncias Eclesiásticas: Braga, Évora e Lisboa. Também se chamam Arquidioceses, Metrópoles. O Bispo da sede da Província, preside à Província, é o metropolitano, o Arcebispo. No ocidente, só as Arquidioceses de Lisboa e Veneza têm o título de Patriarcado e o Bispo o de Patriarca.

Cada Província eclesiástica é constituída por dioceses, às quais se chama dioceses sufragâneas. A Arquidiocese de Lisboa tem como sufragâneas: Santarém, Guarda, Portalegre-C. Branco, Leiria, Angra, Funchal e a Castrense. A de Braga: Viana do Castelo, Vila Real, Bragança-Miranda, Porto, Lamego, Viseu, Aveiro e Coimbra. A de Évora só tem duas: Beja e Faro. As Dioceses são constituídas por paróquias. A nossa Diocese tem 161. Presididas por um Pároco, agrupam-se em Arciprestados, a que preside um Arcipreste. Nós temos 5 Arciprestados. O de Portalegre, com território dos concelhos de Portalegre, Marvão, C. de Vide, Arronches e Degolados, em Campo Maior. O da Sertã, com os concelhos de Sertã, Proença-a-Nova, Oleiros e Vila de Rei. O de C. Branco, com território dos concelhos de Proença-a-Nova, C. Branco e V. Venha de Ródão. O de P. de Sor, com território dos concelhos de Nisa, Crato, Alter do Chão, Gavião, P. de Sor e Cabeço de Vide, em Fronteira. O de Abrantes é constituído pelos concelhos de Constância, Abrantes, Mação e Sardoal.



475 ANOS
BISPADO
PORTALEGRE